

## PRÁTICA DOCENTE NA EJA: o desafio da heterogeneidade das turmas

Thauany Araújo de Albuquerque<sup>1</sup>  
Orientadora: Maria José Gomes Cavalcante<sup>2</sup>

### RESUMO

Esse trabalho foi realizado com um professor da Educação de Jovens e Adultos com intuito de compreender sua concepção sobre seus alunos, além dos desafios da prática docente nessa modalidade de ensino no atual período pandêmico. Ludke e André (2012) nos orientaram acerca do tipo de pesquisa, a qualitativa, e do instrumento de coleta de dados utilizado, a entrevista semi-estruturada que devido as condições sanitárias necessárias no cenário de pandemia foi realizada via Google Meet. Além disso, Oliveira (1999), Cavalcante (2017) e Ferreira, Alcântara e Gahyva (2009) guiaram-nos acerca da concepção de alunos da EJA enquanto sujeitos com suas homogeneidades, enquanto grupo, mas também com suas diferenças que devem ser respeitadas e levadas em consideração no fazer pedagógico. Libâneo (1999) e Tardiff (2002) nos deram base teórica sobre a prática docente e Saviani e Galvão (2021) sobre o ensino no período de pandemia. Identificamos no discurso do docente que ele considera seus alunos como sujeitos detentores de conhecimentos que atuam em sociedade, compreende a heterogeneidade intrínseca a EJA e suas maiores dificuldades são relacionadas a essa heterogeneidade, não somente internamente, mas entre as turmas que atua. A necessidade da adaptação de metodologia em prol do objetivo de cada turma de alunos é um e seus desafios, além das precárias condições de trabalho no atual ensino remoto. Mesmo diante dessas adversidades, o docente se mostra dedicado na realização do seu trabalho em busca do benefício de seus alunos.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos, Heterogeneidade, Prática docente.

### INTRODUÇÃO

A educação para pessoas jovens e adultas no Brasil passou por diversos progressos e regressos no decorrer da história. Atualmente, as legislações que asseguram o direito de pessoas, que não concluíram seus estudos em idade regular, voltarem a estudar na Educação Básica na modalidade de ensino apropriada a elas nem sempre são cumpridas.

As salas de aula da Educação de Jovens e Adultos (EJA) tendem a ser bastante heterogêneas devido à diversidade de pessoas abarcadas por ela (OLIVEIRA, 1999; CAVALCANTE, 2017). Idades, objetivos, motivações, conhecimentos e culturas distintas estão fortemente presentes nesse contexto. É a partir dessa heterogeneidade e na necessidade de adequação às singularidades dessas pessoas que o processo de ensino deve ser pautado.

Neste trabalho, buscamos conhecer a prática de um professor da Educação de Jovens e Adultos, por meio de uma entrevista semi-estruturada, via Google Meet, com intuito de

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco - UFAPE, thau.araujo13@email.com;

<sup>2</sup> Professor orientador: Doutora em Educação, Universidade Federal do Agreste de Pernambuco - UFAPE, maria-jose.cavalcante@ufape.edu.br.

compreendermos suas concepções sobre seus alunos, além de como suas aulas estão sendo realizadas diante do período de ensino remoto que está acontecendo excepcionalmente em todo Brasil devido a pandemia de Covid-19.

O docente mostrou-se preocupado, não somente com a heterogeneidade presente em cada de suas turmas que atua, mas também com a heterogeneidade entre elas, buscando estratégias para lidar com elas. Ademais, demonstrou sua insatisfação com as condições precárias de ensino e conseqüentemente de aprendizagem nesse período de aulas remotas.

## **METODOLOGIA**

Essa pesquisa foi realizada com um professor da Educação de Jovens e Adultos de 39 anos de idade, com 15 anos de experiência docente e 10 anos de experiência na EJA, residente da cidade de Garanhuns. Ele é formado e especialista em Geografia pela Universidade de Pernambuco (UPE). Atualmente, trabalha como professor do Ensino Médio e coordenador de uma escola Estadual na cidade de Iati - PE, como também é professor de Geografia e História da EJA nas Fases III e IV em 8 turmas de duas escolas municipais da cidade de Garanhuns.

O tipo de pesquisa que utilizamos foi a de abordagem qualitativa em que “os dados coletados são predominantemente descritivos. O material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos; inclui transcrições de entrevistas e de depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos de documentos” (LUDKE; ANDRÉ, 2012, p. 13).

E o instrumento de coleta de dados utilizado na pesquisa foi a entrevista semi-estruturada. Esta, por meio de roteiro base que pode ser modificado em prol de seu desenvolvimento, permite compreender o porquê de determinados fenômenos acontecerem por meio de uma conversa recíproca entre entrevistador e entrevistado. “Na entrevista a interação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde” (LUDKE; ANDRÉ, 2012, p. 33).

A entrevista foi realizada via Google Meet, o processo foi gravado com autorização do participante. O roteiro foi organizado em três blocos: o primeiro relacionado ao perfil do professor em que ele nos informou alguns dados pessoais e profissionais; o segundo bloco de perguntas eram referentes à prática do docente na Educação de Jovens e Adultos; e, o terceiro e último, sobre o ensino remoto no atual período pandêmico.

Apesar da organização do roteiro, no decorrer da entrevista algumas dúvidas foram surgindo com as respostas do participante, por essa razão, outras perguntas foram formuladas.

Além disso, a característica de diálogo interativo que flui naturalmente da entrevista semi-estruturada nos permitiu fazer pequenas alterações.

As respostas relativas ao Bloco I estão apresentadas nessa seção e os demais Blocos estão presentes na seção “Resultados e Discussão”.

## **PRÁTICA DOCENTE E ESPECIFICIDADES DA EJA**

Desde o período colonial, algumas práticas de ensino já eram realizadas com pessoas adultas (indígenas, negros) e foram se desenvolvendo no decorrer dos anos, tendo base um forte preconceito contra pessoas analfabetas. Mas, também, baseando-se em concepções que consideravam os alunos como sujeitos detentores e produtores de conhecimentos, como aconteceu no período de 1960 a 1964 em que diversos movimentos de educação popular inspirados nas perspectivas freirianas foram implementados no Brasil.

A visão que se tem sobre educação e sobre os alunos influencia diretamente o fazer pedagógico do professor. Atualmente, o aluno da EJA é considerado como sujeito social, histórico, cultural, de direitos que ao mesmo tempo em que é individual (tem suas particularidades) é também coletivo por estar inserido em diversos grupos sociais.

Oliveira (1999) afirma que na Educação de Jovens e Adultos existia (e ainda existe) a tendência da tentativa de homogeneização desse grupo de alunos. Esses jovens, adultos (e mais recentemente) idosos, eram categorizados unicamente por suas experiências escolares truncadas e pelo único objetivo de “aprender a ler e escrever”.

Com essa visão homogeneizante parece-nos que todos os alunos estão na sala de aula pelas mesmas motivações e com os mesmo objetivos e portanto aprendem e devem ser ensinados também igualmente. A grande questão, porém, é que o público da EJA é tipicamente heterogêneo no que diz respeito à faixa etária, às motivações e expectativas por ingressarem/voltarem à escola Além de suas vidas particulares, são pais, são trabalhadores, de boas ou más condições econômicas, religiosos ou não e são também culturalmente distintos.

A diversidade está presente neste grupo, ou seja, existem singularidades, assim como existem regularidades no conjunto de alunos da EJA e a sala de aula é o lugar de encontro de reconhecimentos e de confrontos de culturas (CAVALCANTE, 2017). É a partir da junção das características em comum, excluídos da escola, não crianças (homogeneidades) com o respeito às individualidades (heterogeneidade) e a concepção de aluno enquanto sujeito sociocultural que chega à escola com conhecimentos que devem ser levados em consideração no fazer pedagógico que a construção de uma prática significativa deve ser pautada.

Para tanto, as identidades dos alunos da Educação de Jovens e Adultos devem ser primordialmente conhecidas, pois assim um trabalho pedagógico adequado, diferenciado pode ser realizado, como afirmam Ferreira, Alcântara e Gahyva (2009):

para estabelecer o perfil do aluno da EJA, é necessário considerar estes alunos como um público heterogêneo, com uma bagagem sociocultural empírica, cabendo ao educador atender este perfil com propostas pedagógicas diferenciadas, inserindo-os na sociedade com direito à cidadania, a trabalho e à autonomia (p. 190).

Ademais, o público de alunos da educação para pessoas jovens e adultas tem mudado no decorrer do tempo, seus objetivos e motivações também (CAVALCANTE, 2017). Por essa razão, é relevante ter-se conhecimento de cada turma de alunos, cada grupo será único por ser composto de pessoas distintas, mas algumas homogeneidades permanecem, como a concepção de aluno como sujeito que deve ser levada em consideração com qualquer grupo.

Além disso, a subjetividade dos sujeitos que fazem parte do processo pedagógico (professor e alunos) enquanto fator externo do processo didático afeta diretamente a relação recíproca entre professor, conhecimento e aluno, ou seja, os fatores internos (LIBÂNEO, 1999). O que reafirma a importância de conhecer a turma de alunos da EJA para efetivação significativa dos processos de ensino e de aprendizagem.

## **PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO REMOTO: atuais desafios**

A prática docente é construída com base em diferentes saberes advindos de diferentes fontes, portanto, as práticas dos professores da Educação de Jovens e Adultos também são heterogêneas, assim como seus desafios em sala de aula. “Um professor não possui habitualmente uma só e única “concepção” de sua prática, mas várias concepções que utiliza em sua prática, em função, ao mesmo tempo, de sua realidade cotidiana e biográfica e de suas necessidades, recursos e limitações” (TARDIFF, 2002, p.64).

Segundo Tardiff (2002), saberes como os pessoais de cada professor, os da formação escolar (experiência como aluno), os da formação profissional para a docência (formação inicial, cursos, pós-graduações, socialização com outros profissionais), os provenientes dos instrumentos de trabalho (documentos oficiais, programas, livros didáticos) e os da própria experiência como docente, influenciam na prática pedagógica de cada profissional docente.

Dentre esses saber, o que o autor supracitado mais valoriza é o saber proveniente da experiência do professor enquanto realiza sua prática, aquele que é construído todos os dias no “chão da escola”. É na realidade da sala de aula que os profissionais docentes pesquisam,

testam, acertam, erram, ou seja, que produzem conhecimento e sentem-se não somente executores de conteúdos e teorias estipuladas por terceiros, mas produtores daquilo que utilizam em seu cotidiano dentro de suas salas de aula.

E diante do atual cenário pandêmico em que o mundo se encontra buscar alternativas para que o ensino continue e que dê certo se tornou um desafio constante no âmbito educacional. De acordo com Saviani e Galvão (2021), comunidades escolares, incluindo famílias, se viram sem alternativas, a não ser aderir a um ensino remoto que pouco contribuiu para a educação, deixando uma lacuna em relação ao ensino como um todo.

Com a implementação do ensino remoto muitas dificuldades surgiram, afetando a qualidade do ensino e da aprendizagem. A falta de ambientes virtuais de qualidade, de acesso a equipamentos necessários e de familiarização com eles tem tornado os processos de ensino e aprendizagem desafiadores para professores e alunos em muitas escolas brasileiras.

Segundo Saviani e Galvão (2021), diante de toda limitação existente no ensino remoto, buscou-se cumprir o calendário escolar e o que foi observado é que não se tinham as condições mínimas para a maioria dos alunos e nem para os professores, em que eles teriam que arcar com os custos, precarização do trabalho e ainda prejuízos na saúde física e mental. Pode-se observar que ao implementar o ensino remoto para não atrasar os calendários escolares, abriu-se uma gama de implicações para todos que fazem parte do meio escolar.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste tópico analisaremos, como já dito, as respostas do professor sobre os Blocos 2 e 3 da entrevista realizada.

Iniciamos o segundo Bloco de perguntas com o questionamento sobre os perfis das turmas do professor. Ele fez um panorama geral, contemplando a homogeneidade do grupo de alunos da EJA, afirmou que suas turmas da Fase III têm em média 28 alunos e as da Fase IV, 20 alunos, com idades entre 15 e 70 anos.

De forma geral, os alunos adultos são trabalhadores do mercado informal com profissões pouco valorizadas social e economicamente (pedreiros, carpinteiros, trabalhadores de lava-jatos, de comércio), além de mulheres chefes de família. Enquanto os mais jovens, os adolescentes, são alunos que foram “*expulsos*” do ambiente da escola regular por repetir diversas vezes, visto que, “*o contexto, a linguagem do Ensino Fundamental não é mais a deles*” e também alunos que querem melhoria de vida social por meio da educação superior.

Um outro grupo é o de idosos que, não tiveram oportunidades de estudar quando mais

jovens e, agora, aposentados, em sua maioria, buscam a escola por vários motivos, como, satisfação pessoal, companhia, amizades, dentre outros.

Oliveira (1999) leva em consideração tanto a heterogeneidade intrínseca a essa modalidade de ensino, assim como as homogeneidades que a fazem enquanto grupo. As características de excluídos da escola e de não crianças acabam delimitando “um determinado grupo de pessoas relativamente homogêneo no interior da diversidade de grupos culturais da sociedade contemporânea” (OLIVEIRA, 1999, p. ). Portanto, essas informações mais amplas sobre o perfil das turmas, mostram-nos características similares desses grupos de alunos.

No entanto, após nos inteirar sobre esse perfil mais geral, o professor especificou as diferentes identidades de suas turmas por meio das distinções existentes nas duas escolas que trabalha. Apesar de ambas escolas serem municipais, existem divergências perceptíveis, de acordo com a perspectiva do participante. As diferenças contidas nos contextos das escolas afetam diretamente os perfis das turmas de EJA nas quais esse professor atua.

A Escola 1 fica localizada em um bairro periférico, de classe baixa e abrange somente o Ensino Fundamental, no bairro não existe escola com Ensino Médio ou EJA Médio. Nessa escola, o professor ministra aulas de Geografia em três turmas. De acordo com ele, os alunos são adolescentes e devido a suas motivações de finalizar o Ensino Fundamental, acabam sendo pedagogicamente menos produtivos. No entanto, como a escola é de bairro, a identidade comunitária é forte e isso ajuda com projetos e trabalhos em grupos.

A Escola 2, no entanto, fica localizada em um bairro mais central, de classe média e atende alunos de diferentes bairros próximos. O professor trabalha com cinco turmas nesta escola, ministrando aulas de Geografia e História. O público das turmas é predominantemente de adultos e devido as suas motivações de voltarem à escola (trabalhadores e mulheres chefes de família que buscam melhoria sócio-econômica através dos estudos) acabam suprimindo mais intensamente as expectativas pedagógicas do professor, os considera mais produtivos.

Sobre os objetivos e motivações dos alunos de suas turmas, o professor afirmou que *“depende principalmente da idade, os adultos tendem a levarem o ensino mais a sério, visto que são trabalhadores e não estão lá para perder tempo”*. Eles sabem para quê retornaram à escola, têm seus objetivos pessoais. O professor afirmou que alguns de seus alunos queriam estudar para conseguir um trabalho melhor, alguns queriam somente finalizar a Educação Básica, enquanto outros almejavam o Ensino Superior.

Portanto, os objetivos e motivações dos alunos são bastante heterogêneos, como também nos comprovam Oliveira (1999) e Cavalcante (2017). Na fala do professor, identificamos também que a forma como os alunos agem em sala de aula depende dessas

motivações e interesses particulares no ambiente escolar, *“um adulto que passa o dia inteiro trabalhando, não vai à escola para brincar, ele quer estudar, tem um objetivo claro”*.

A pergunta seguinte tem relação com os objetivos, resumidamente, que o professor tem para suas turmas. Ele afirmou que os objetivos variam de acordo com o perfil de cada turma, tendo em vista que são oito. Para algumas turmas, o foco é a preparação para o mercado de trabalho, para outras, o preparo para o Ensino Superior. Levando em consideração que os conteúdos são os mesmos para as fases iguais, visto que o currículo é o mesmo, a metodologia dele é o que muda de acordo com as necessidades de cada turma.

Porém, ele nos disse que tem como objetivos para todas as suas turmas a formação para cidadania, ele afirmou que busca proporcionar aprendizados críticos e discutir a realidade, principalmente política e como ela afeta a vida cotidiana dos alunos.

Ele afirmou que se torna essencial a *“discussão sobre mudanças governamentais para que haja o entendimento dos alunos de sua própria realidade, não é um trabalho fácil, mas é bom para formação crítica”*. Identificamos nessa fala, a concepção de aluno como sujeito ativo socialmente que tem direito de compreender e discutir questões políticas, econômicas, entre outras que afetam sua vida cotidiana, para cumprir seu dever de atuação social.

No que diz respeito aos desafios do professor em sua prática na EJA ele mencionou que sua maior dificuldade está no trato com a heterogeneidade em suas turmas (não somente no interior de cada turma), mas no exterior, pois em cada uma de suas oito turmas, ele tem de ter uma abordagem diferente, devido à diversidade do seu público. *“Cada sala de aula é diferente, mesmo tendo que trabalhar o mesmo conteúdo, não posso fazer do mesmo jeito. Se eu fosse dar essa aula a uma turma de 6º ano, as crianças não são iguais, mas o público é mais parecido, mesma idade e essas coisas, na EJA as turmas são muito diferentes”*.

E no interior das turmas, um grande desafio citado pelo professor é lidar com a heterogeneidade de idades e conhecimentos do público da EJA junto com as demandas e expectativas curriculares que têm que ser cumpridas. As escolas em que o professor trabalha levam em consideração o Caderno de Orientações da EJA do estado de Pernambuco<sup>3</sup>, identificamos, então, a presença dos saberes curriculares em sua prática (TARDIFF, 2002).

---

<sup>3</sup> O objetivo do Caderno de Orientações Pedagógicas, é oferecer aos(as) professores(as) da EJA subsídios para a elaboração do planejamento das suas atividades nesta nova perspectiva estrutural (em módulos e por bimestre), trazendo campos, eixos estruturantes, conteúdos, expectativas de aprendizagem, recomendados para o primeiro e segundo bimestre, de cada componente curricular nos módulos que compõem o Ensino Fundamental da EJA.

Um outro grande desafio para o professor é o do uso de diferentes metodologias para o trabalho com suas turmas da EJA. Ele afirmou que o ensino é planejado e realizado a partir do conhecimento sobre sua turma, suas idades, seus objetivos e isso. Como o professor atualmente ministra em oito, conhecer esses alunos e trabalhar os mesmos conteúdos (previstos pelo Currículo) de diferentes formas é um grande desafio. Ele afirmou que: “*a forma como dar aula em uma turma com maior quantidade adolescentes é diferente que em uma turma com maior quantidade de adultos*”.

O professor ainda citou algumas outras especificidades das turmas de Educação de Jovens e Adultos que ele foi percebendo na prática durante todos os anos de experiência e que leva em consideração no seu fazer pedagógico. Como as frequentes faltas às aulas devido às responsabilidades fora do ambiente escolar que os alunos costumam ter, ele mencionou que:

*Os alunos da EJA não são como vocês, alunos da universidade, apesar de todos serem adultos, nós (professores da EJA) não podemos ser tão rígidos como os professores universitários, passou um trabalho e quer a entrega do trabalho a todo custo, não importa o que tenha acontecido, nós não podemos ser assim. Alunos da EJA são, geralmente, adultos que trabalham, que cuidam de casa, cuidam de outras pessoas, têm filhos, muitos imprevistos acontecem e nós temos que levar essas coisas em consideração nos momentos de avaliação.*

Essa fala dialoga com as discussões de Oliveira (1999) e Cavalcante (2017), a EJA é destinada a determinado público. Não é qualquer jovem ou qualquer adulto que faz parte desse grupo, por essa razão conhecer os alunos, suas homogeneidades e também suas heterogeneidades e levá-las em consideração é de suma importância para o trabalho pedagógico com turmas nessa modalidade de ensino.

Porém, esse não é um trabalho fácil, ao perguntarmos como o professor agia diante dos diferentes tipos de heterogeneidade<sup>4</sup> em suas turmas, ele respondeu que: “*É uma questão muito desafiadora, pois as faixas etárias e alguns tipos de conhecimento estão interligados, por exemplo, quando o assunto é sobre tecnologia, os mais jovens, principalmente os adolescentes, dão banho, mas quando é um conteúdo mais sério, os adolescentes tendem a ficar mais dispersos e aí são os adultos dão banho*”.

Para lidar com as heterogeneidades dos seus alunos, o professor buscava adequar as atividades, refazendo dependendo dos resultados dos alunos. Ademais, nos momentos presenciais buscava diferenciar os tipos de atividade, em grupos, coletivas, projetos. O que

---

<sup>4</sup> Leal, De Sá e Silva (2016) sobre os três tipos de heterogeneidade, o primeiro, está relacionado às diferenças socioeconômicas culturais, religiosas, etnicorraciais, de gênero, de orientação sexual, físicas existentes entre as crianças. O segundo diz respeito à inclusão dos educandos com deficiências nas instituições de ensino e o terceiro tipo refere-se aos níveis de escolaridade, idade e de conhecimento dos alunos.



está de acordo com as discussões de Ferreira, Alcântara e Gahyva (2009) sobre a utilização de propostas pedagógicas diferenciadas para lidar com as heterogeneidades em turmas da EJA.

Uma outra estratégia utilizada por ele era a dos “*alunos protagonistas*”, os alunos que tem um ritmo de aprendizagem mais rápido e senso de liderança eram postos em grupos para ajudarem os outros alunos, o professor justificou o uso dessa estratégia afirmando que “*muitas vezes aprendemos melhor uns com os outros do que com nossos professores*”. Apesar de o professor fazer uso dos saberes de sua formação, dos saberes curriculares e dos disciplinares, fica-nos explícito que são os saberes experienciais que estão presentes fortemente em sua prática pedagógica (TARDIFF, 2002).

As afirmações anteriores apontam que é por meio das observações que já fez durante seus 10 anos de profissão que o professor identificou as homogeneidades dos alunos da Educação de Jovens e Adultos, é por meio do contato que tem com suas turmas de alunos que nota suas heterogeneidades e faz associações a essas diferenças com os contextos de vida dos alunos. É também por meio dessas experiências que o professor trata de assuntos sociais com os alunos, tendo em vista a necessidade de formação de cidadãos críticos e participativos.

Além de que é por meio de todos esses anos de experiência que o professor formulou, construiu, produziu estratégias e conhecimentos que ajudam a superar as dificuldades proporcionadas pelos diferentes contextos das turmas de Educação de Jovens e Adultos. Em conformidade com o que defende Tardiff (2002), é por meio da junção de todos os tipos de saberes que se constitui a prática de um professor, mas é no saber da experiência que o professor se encontra, produz e utiliza seu próprio conhecimento com base em suas vivências.

Iniciamos o terceiro bloco de perguntas indagando sobre sua realidade de ensino nesse período pandêmico. O professor está atuando nas oito turmas de Fase III e Fase IV das duas escolas já mencionadas, ele planeja as aulas tendo base no Caderno de Orientações Pedagógicas da EJA de PE, nas orientações municipais e nas possibilidades de seus alunos.

Utiliza o WhatsApp (por meio de tópicos explicativos, áudios e imagens), tentou utilizar o Google Meet, mas não funcionou muito bem, pois a maioria dos alunos ou têm dificuldades de acesso por terem dificuldades com a tecnologia ou por redes de internet de baixa qualidade. Ademais, o Município de Garanhuns dispõe de uma Plataforma de Ensino<sup>5</sup>, mas é pouquíssima utilizada pelos seus alunos pelas mesmas dificuldades referentes ao Meet.

---

<sup>5</sup> O professor nos mostrou rapidamente como ela funciona. Ele posta os vídeos, as atividades, os alunos assistem, fazem as atividades e as devolvem por ela mesma. Além de ter um espaço para conversar, tirar dúvidas, o chat.

Uma outra estratégia do Município é a entrega de apostilas com todas as atividades para os alunos, eles a pegam na escola, fazem em casa e depois devolvem na escola, assim, os alunos que não têm acesso virtual podem realizar as atividades. O professor comentou não gostar dessa estratégia “*a apostila é cansativa e pouco eficaz porque o aluno não tem contato com o professor para explicar as atividades*”. Atualmente, ele está também gravando aulas e postando no YouTube, ele monta slides sobre os conteúdos, faz vídeos explicando de no máximo 20 minutos e posta para que os alunos assistem e interagem via WhatsApp.

Notamos a constante tentativa de adaptação do docente a uma situação na qual ele não teve formação para lidar. Mesmo diante de tantas tentativas de incluir ao máximo todos os alunos, ele afirmou que muitos não participam das aulas de forma alguma, não entregam as atividades virtualmente ou presencialmente, por meio das apostilas. O que dificulta o acompanhamento desses alunos pelo professor.

Por fim, o docente afirmou que o trabalho durante esse período pandêmico aumentou bastante, inclusive, podemos observar isto na fala anterior, o professor faz uso de diversas plataformas de ensino e interação, tem trabalhado por mais tempo (em horas), planejado e aprendendo a utilizar instrumentos de trabalho que não conhecia. Além disso, assim como todos os outros profissionais docentes, tem custeado seus instrumentos de trabalho, sem apoio financeiro governamental. Ele afirmou que:

*como conclusão desse período, venho percebendo que o trabalho aumentou bastante, está mais cansativo, pois a dinâmica do ensino remoto é outra, não tenho experiências parecidas com essa. Estou tendo que me reinventar, no presencial eu precisava apenas conhecer meus alunos, elaborar um roteiro sobre o conteúdo que já havia dado muitas vezes, um quadro branco e um lápis para dar minha aula e agora não, passo mais tempo planejando, aprendendo a usar novas plataformas e esperando os alunos, caso tenham dificuldades. Além disso, a mistura de vida pessoal com profissional, ter que lidar com os sentimentos diante de um período tão complexo em que pessoas próximas estão adoecendo, é muito difícil. Mas com organização tudo poderá ser realizado, é difícil, mas todos estamos nos adaptando.*

Galvão e Saviani (2021) discorrem sobre a ineficácia, sobre a falácia do “ensino” remoto, afirmando que a garantia de qualidade de ensino necessária para humanização dos indivíduos (levando em consideração que o homem somente se torna homem a partir da interação com outros, onde aprende conhecimentos básicos, clássicos, histórico e socialmente construídos que são necessários para vivência em sociedade) é drasticamente atingida pela falta de preparo dos profissionais docentes para lidarem com situações de ensino a distância.

O ensino de qualidade só é realizado se a tríade forma-conteúdo-destinatário estiver em harmonia e nesse período de pandemia em que esse “ensino” remoto foi imposto como

única solução para educação, ela está totalmente em desconformidade. A forma, metodologia de ensino, foi empobrecida e os professores que em sua maioria não têm formação para lidar com o ensino à distância, se desdobram para conseguirem dar suas aulas.

Os conteúdos foram esvaziados e o destinatário é excluído, uma enorme porcentagem de estudantes brasileiros não tem acesso a computador e/ou à internet. Como aprender assim? Professores e alunos sobrecarregados com uma carga cada vez maior de trabalhos. E, ainda, em um contexto onde milhares de pessoas morrem diariamente e questões sentimentais e psíquicas também são postas em jogo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no diálogo que tivemos com o professor da Educação de Jovens e Adultos, notamos que essa modalidade de ensino é permeada por diversos desafios, a heterogeneidade das turmas, tanto em relação à idade e aos conhecimentos quanto de objetivos e motivos para estar de volta à escola, além da diversidade de experiências e culturas, afeta diretamente a metodologia de ensino de um professor da EJA.

Essas particularidades são citadas pelo professor participante da pesquisa e postas como ponto de partida para construção de metodologias de ensino. O professor colaborador é professor de uma disciplina específica, que tem pouca carga horária, por essa razão ministra aulas em oito turmas. Portanto, além de lidar com a heterogeneidade de suas turmas internamente, necessita adaptar sua metodologia ao perfil de cada uma de suas turmas e esse é um de seus grandes desafios, ensinar os mesmos conteúdos de diferentes formas devido às diferenças de seus públicos.

Percebemos também o quanto o saber da experiência está presente em sua prática, visto que atua na Educação de Jovens e Adultos há 10 anos, muitas de suas estratégias de ensino e formas de lidar com os diferentes tipos de heterogeneidade dentro das suas diferentes turmas são advindas de saberes experienciais.

No entanto, além desses desafios presentes em turmas da EJA, nesse período excepcional de pandemia, alguns outros estão em destaque. O docente mencionou acerca de suas dificuldades com a devolutiva das atividades de seus alunos e de acompanhamento do progresso nas aprendizagens deles. Além do cansaço físico e mental que está sendo o trabalho remoto, a demanda de trabalho aumentou bastante e muitos professores têm dificuldades de lidar com as tecnologias digitais que estão sendo “as novas salas de aula”.

Além disso, devido à heterogeneidade do grupo da EJA muitos alunos também têm suas dificuldades com essas tecnologias, principalmente adultos e idosos, muito provavelmente esse deve ser um motivo de abandono da escola nesse período de pandemia. Entretanto, somente com uma outra pesquisa poderíamos confirmar essa suposição. Por fim, constatamos que mesmo diante de tantos desafios, o professor se mantém confiante e tentando realizar um trabalho com o máximo de qualidade possível para formação de seus alunos.

## REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Maria José G. **Prática de leitura na EJA: da vida para escola, da escola para vida.** Tese de doutorado em Educação. Centro de Educação, UFPE. 2017.

CUNHA, A. C.; GOÉS, Moacyr de. **O Golpe na Educação.** RJ: Jorge Zahar Editor, 1989.

FERREIRA, Gislane Dias Florentino; ALCÂNTARA, Liliane C. S.; GAHYVA, Suzana Rondon. **Identidade do Aluno EJA.** 208 f. IFMT, Cuiabá, 2009.

LEAL, Telma Ferraz; SÁ, Carolina Figueiredo de; SILVA, Elaine Cristina Nascimento da. (Orgs). Heterogeneidade: do que estamos falando? In: LEAL, Telma Ferraz; SÁ, Carolina Figueiredo de; SILVA, Elaine Cristina Nascimento da. (Orgs). **Heterogeneidade, educação e linguagem em contextos do campo e da cidade.** Recife: Editora UFPE, 2016.

LIBÂNEO, José Carlos, **Didática.** 14ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

OLIVEIRA, M. K. **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem.** 22ª Reunião Anual da ANPEd – 26 a 30 de setembro de 1999, Caxambu. Disponível em: <http://eixovpsicologia.pbworks.com/f/texto+6.pdf>.

SAVIANI, Dermeval; GALVÃO, Ana Carolina. **Educação na Pandemia: a falácia do "ensino" remoto.** 2021. 14 f. - UNICAMP/UFES, Espírito Santo, 2021.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E ESPORTES. Orientações Pedagógicas da EJA. 2011. Disponível em: <<http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/21557/ORIENTA%C3%87%C3%83O%20PEDAG%C3%93GICA%20PARA%20O%20ENSINO%20FUNDAMENTAL%20NA%20EJA%2022-01-2020.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2021.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. **Princípios da Educação de Jovens e Adultos.** Disponível em: <<http://www.ceeja.ufscar.br/legislacao-vigente-para-a-eja#:~:text=PRINC%C3%8DPIOS%20DA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20DE%20JOVENS%20E%20ADULTOS%20FUNDAMENTOS%20LEGAIS%3A&text=A%20Constitui%C3%A7%C3%A3o%20Federal%20do%20Brasil%2F1988%2C%20incorporou%20como%20princ%C3%ADpio%20que,205>>. Acesso em: 18 maio 2021.